

Os homens nascem e permanecem livres e iguais em direitos; as distinções sociais não podem ser baseadas senão no bem comum.

# O Estudante

Periodico da mocidade estudiosa  
— Publicação quinzenal —

A livre manifestação do pensamento é um dos mais belos direitos do homem.

RED. CHEFE—L. LAMONICA

DIRETOR—G. DE MESQUITA

GERENTE—AUGUSTO V. CAMPOS

Numero 2

Cuiabá, 18 de Agosto de 1934

Ano I

A direção deste jornal não assume responsabilidade alguma pelos artigos nele publicados com assignatura ou sob pseudonimo.

## O creador

São oito horas.  
Da janela do meu quarto contemplo a cidade semi-adormecida, que lá em baixo fantástica se estende.

Como é agradável aprofundar os olhos, sobre uma cidade no seu adormecer.  
Tudo concorre para reviver exuberantemente em nossa mente belas e saudosas reminiscências!

Que milhares de pensamentos, nesta hora, rapidamente pela minha memória perpassam, como em sonhos de quimêras, envolvendo-me no véu duma tristeza.

De um lado, chega-me aos ouvidos o som merencório de uma orquestra.

De outro argentino cantar de gárrulas crianças, qual chilrear de dezenas de passarinhos, que se divertem jovialmente, nessas primeiras horas da noite.

Dardejando a vista, com mais atenção, sobre os tectos dessas mui sentenas de casas, sinto que minha alma é lentamente invadida, por um mixto de alegria e de tristeza.

De alegria, porque sei que sob a maioria desses tectos, reina a paz, o conforto, a alegria. De tristeza, por infelizmente sob muitos deles pesar o negro manto da aflicção, do infortúnio.

O silêncio já é profundo!...

## Lirismo

J. PABECIS

*Neste recanto triste e solitário,  
Vergado sob o peso da saudade  
Recordo-me de alguém que sem piedade  
Me levou ao caminho do calvário*

*Somente hoje vejo a realidade!  
Levado a frente a toque funerario  
Lá vão meus sonhos, sonhos meus sacrário  
Idealizados, todos de bondade.*

*Não lamento, no entanto, a desventura  
A que me impoz a ingrata creatura,  
De ver-me assim tão só e desgraçado*

*Pois, sofrendo, esta dôr intermitente,  
Irei cantando alegre e sorridente,  
Levando o riso á dor entrelaçado.*

Largo desses pensamentos sombrios, e a natureza começo a contemplar.

Oh! como ela se acha magnífica!...

A lua já bem alta no horizonte. o céu crivado de estrela, sobressaindo entre as inumeras constelações «Cruzeiro do Sul,» a terra serena, a hora, tudo enfim, faz com que o meu mesquinho ser, se entregue a uma profunda meditação, a um Ser que tudo isso criou e que tudo isso governa.

Universo. como é belo e magestoso.

Que leis sublimes te regem. Com o teu mudo falar, com o teu silencioso exprimir; falas mais, esprimes mais que a linguagem fria dos homens. Mas... na tua beleza, nos teus

dons, nas tuas leis admiráveis dizei-me de quem falas?

jásei... falas de um Onipotente, de um Ser invível, que no entanto existe. do ser que te criou, de um Ser dotado de uma magnitude, dum esplendor, duma sabedoria e de um poder. de ante o qual o homem se curva e se admira, DEUS.

S. Guaicurus

## CHARADA A'RABE

Muchade bate ni pau — 1  
Maniuo grita morre fugado — 2

Pragunceito — homi tem e muié não tem.

BINU

## As Paixões de Pedro I

Qual foi a maior paixão de Pedro I: marquezia de Santos todos responderão A sempre lembrada paulista que com os seus festins e celetas dealumbrantes, assustou a pacata e humilde população do Rio Colonial; a mulher que durante anos poz em alvoroço o coração do nosso Imperador. Não foi somente essa, a paixão de D. Pedro, Foram muitas. Uma, porém, bastante interessante e que muito bem narra, no seu apreciado livro «Maluquices do Imperador» o nosso atarado historiador Paulo Setubal. é a paixão de D. Pedro, em plena primavera dos seus 18 anos, quando ainda príncipe, é o grande amor de Pedro I pela bailarina francesa do teatro S' João. Noemi era o seu seu nome.

O príncipe conheceu-a num espáculio de gala que lhe ofereceram no dia do seu natalício. Embriagou-se com a beleza encantos da francezita e dias depois conseguia tornar o amigo inseparável e o namorado eterno daquela tão bela, daquela tão físcante mulher...

Passaram-se mezes...

Um dia o Rio amanheceu fúnebre. Mórreza D. Maria I avó do príncipe e mãe de D. João VI. A notícia espalhou-se selere pelo Rio. A noite tudo o que havia de mais fino e obre estava físcante ao derradeiro beija-mão. Ministros, Cardeas, Almirantes,

Generais, Plenipfenciarios e enfim um nunca acabar de faiscar de drago nas e as eriçadas casacas negras. Nesta mesma hora uma scena bem diferente desarrola-se, no interior do paço. D. Pedro, agitado e nervosissimo passeava de um lado para outro no seu quarto.

Aquele ambiente de Lucto irritava-o. Tinha odio ao beija-mão. Considerava aquillo como um toque de adulação. O seu espirito irriquietao queria correr, vôar para um ponto bem longe dali. De repente bateu palmas. Apareceu o creado. Ordenou lhe que trouxesse a capa e o chapeo. Envolto na sua negra capa e o espanhola, abandonou apuele recinto pesadoc e sorurmo, eneredou se pelas melas escuecas do Rio antigo, e foi até o largo do Rocio onde estacou, e encostando-se a uma porta de um enorme casarão bateu. Uma fina voz de mulher respondeu. Muito devagarinho a porta abriçe. D. Pedro entrou e atiraudo-se nos braços da sua amada francezita fez com o seu espirito

esducesse a visão daquele enorme casarão envolto em crepe.

Não tardou muito que de intrigas em intrigas o namoro escandaloso do príncipe viesse cair no ovido de D. João VI. O monarca com aquela sua costumeira pacatês, sorriu aqnele seu risinho tão comum, e com maior simplicidade resolveu o caso. Nessa mesma tarde chamou o padre, um official dasua guar e a dafrancezinha e tomando-a a parte explicou-lhe o caso: êle, como pae estremoso, não queria que aquela comoqista amorosa do seu filho viesse causar um escândalo como estava ameaçando causar e por isso resolvia casar-la com um official da sua guarda. Para êla não havia coisa melhor! Sêr senhora de um Official!... A jovem quiz recusar-se, mas, nada adiantava, ele o monarca, o todo poderoso, tudo podia fazer. O casamento realizou-se ali mesmo no Paço e nessa mesma tarde os jovens nubentes partiram para Pernambuco, pois, D. João transferia o Oficial para cá.

Terminado o jantar D. Pedro correu ao seu quarto para preparar se afim de fazer sua costumeira visita a sua tão amada francezita que dentro em pouco lhe daria um pequerucho. Qual não foi a sua decepção quando ao chegar ao seu quarto encontrou o seu creado intimo, Placido que as explicou-lhe o que havia acontecido. D. Pedro deu um salto, arregalou os olhos e com um rugido ronco no peito tombou pesadamente ao solo. Estava para sempre desfeito o seu amor. Quatro anos depois moria em Pernambuco a filha do Príncipe. O Governador da provincia fez um funeral de luxo a bastardinho, pois sabia que com isso viria cair na simpatia do furo Imperador do Brazil. O corpo foi embalsamado e veio para o Rio, e ainda dizem que D. Pedro guardou por muitos anos no seu proprio quarto aquele c' daverzinho adorado, reliquia funebre da sua louca paixão da mocidade.

Jorcy Drex.

«Problema oferecido pelo nosso colega Tejo»

Partiram para o austrae dos andarilhos; um com a latitude de 10° 24' 6" e com 28 anos de idade; outro com a longitude de 6° h. 26' 8" e com 30 anos, ambos levavam matula e arma mirabolante. Pergunta-se se os dois andarilhos era apretos ou brancos e qual eram os seus pesos, na hipotese de serem Pedro e Paulo.

N. B.: O feizardo que atinar com a solução deste problema tera como premio uma linda fotografia esposta na vitrina da «Casa Ataide».

## Um pouco de História Natural

### As aranhas—Seus afins

No meio das florestas, oculto entre a folhagem ou sob a cascata dos velhos troncos, rastejando sob as folhas secas ou entre o musgo e as ervas baixas, como na campina, entre as flores, ao descampado, vive na luta, amã e trabalha um povo de pigmeus que passa quasi sempre despercebidos a nossos olhos, descuidados dessas maravilhas que nós envolvem, que a muitos enfeitçam e que a todos dão ensinamentos.

No seio dessa Lillipud admirável resalta a nação das aranhas, umas de roupagem sombria, outras, outras vestidas de seda ouro, outras lindas, todas laboriosas, ora passando silenciosamente, ora conversando num sicio muito baixo.

Todas vivem, porém, tendo como matéria prima a sêda, que se forma de fibroina, cericina e mucoidina, substancias estas segregadas em regiões diversas às glândulas sericigenas.

Das aranhas a sêda é o seu tudo.

De sêda não é somente essa rede em que elas baloicam; de sêda é o palácio interno em que moram; de sêda é o ninho em que ficam incubados os ovos; de sêda é, não raro, o berço; de sêda fazem as armadilhas de caça, etc...

São as aranhas as mais tipicas representantes de sua classe, que por isso mesmo se chama dos aracnideos, na qual estão igualmente includos os escorpões, os carrapatos, alem de outros muitos mais raros, para os quais não ha nomes comuns.

Diferem os arachuideos das outras classes de artropodos porque neles as antenas, em vez de simples orgão tácteis, se modificam em pinças preeursoras ou em agudissimos arpões, e a cabeça, reduzida num menor numero de zoonitas, nunca é independente, soldando-se com a região torácica num todo unico, o céfalotorax. Apresentam os aracnideos ao todo, seis pares de apêndices, que são as queliceras, os palpos maxilares e 4 pares de pernas, destinadas á

marcha em quasi todas as ordens.

O abdome, ou se articula em toda a sua largura com o cefalotorax, como acontece com os carrapatos, ou se prende a ele apenas por estreitissimo pedunculo, como se vê nas aranhas e nos pepipalpos.

Glandulas de peçonha são encontradas somente nas aranhas e nos escorpiões.

Deixados de lado os acarinos todos os outros aracnideos são carniceiros grandes caçadores que chegam até o canibalismo.

Vitima de guerra ou do amor, o vencido é sempre um banquete, e entre os aracnideos a viuva se deleita, devorando calmamente o esposo assassinado.

Nos acarinos todo o corpo forma uma pequena massa geralmente globulosa, sem divisão em regiões. São parasitas de plantas ou de animais, com algumas formas aquaticas muito interessantes.

De alguns deles quasi toda a gente guarda desagradável recordação: os carrapatos, o chamado piolho de galinha e o microscópico sarcopto da sarna.

Os pedipalpos são quasi todos de grande porte; ora o corpo tem a forma de uma aranha muito achatada, ora é alongado com um filamento caudal notável, de robustos palpos e cheiro acido desagradável justificando a designação que lhe dão os matutos de "escorpião vinagre".

Este escorpião é um inocente animal de aterrador aspecto, o que lhe vale todas as antipathias.

Os escorpiões logo chamam a atenção por seus enormes palpos, terminados em pinças, muito mais robustos e quasi sempre maiores do que as pernas, e pelo abdome grandemente estreitado em seus cinco seguimentos posteriores, formando a cauda, em cuja extremidade estão ns glandulas de peçonha, in cauda venenum.

O escorpião, apesar de ter o appareio venenoso na ponta da cauda nunca fere para traz, mas, sempre para a frente.

Acredita o povo de quasi todas as regiões, que o escorpião posto dentro de um circulo de fogo se suicida. Não vai a tanto

o desespero do pobre animal, e mesmo que o seu desejo fosse de furtar-se desse modo tragico á tortura da chama, a peçonha de sua glandula, tão ativa para os outros animais, é sem efeito sobre ele, como experimentalmente verificou Bourne, em Mandras, injetando um escorpião o veneno das glandulas de outros da mesma especie. Namoram os escorpiões, mostrando os cavalheiros as suas damas suas habilidades de consumados acrobatas, se não de perfeitos bailarinos, até que se faz o acordo e lá vão os dois, de mãos dadas, numa valsa lenta, ele caminhando para traz, sem abalos, ela a seguir terna e obeciente, os dois face a face.

Depois prepara o noivo o do micilio, tendo a noiva em uma das mãos, realizam os esponsais.

No dia seguinte é a viuves, porque o esposo foi devorado.

G. de Mattos.

Da 5.ª Serie do L. C



### Belo Procedimento...

Lêvo ao conhecimento dos nossos distintos colegas e assinantes o indigno acto do snr. E. A. Caldas, ajudado 5 ano do nosso estabelecimento, que, sendo cobrado da mensalidade deste jornal, teve a *bela ideia* de conspirar no talão de recibos mostrando assim a sua *elevada educação*.

Acho que o nosso referido colega deveria deixar esse acto para ser posto em execução fora deste estabelecimento depois de pagar a sua mensalidade, e não em plena classe na presença do arios colaboradores e assinantes, de tesoureira, do Secretario etc. Esperamos que acto seja reprovado portodos

DarWin Mon teiro Ja Silav, Secretario

### SONHANDO

Ao Prof. Antonio Cezario de Figueiredo N.

Tendo chegado a hora habitual de me deitar, dirigo-me ao meu aposento, onde se achava o meu leito de solteiro.

Ao deitar-me, senti a minha alma toda abalada e sófrega e o meu corpo gélido.

Decorridos alguns instantes essa anormalidade desapareceu por completo e o pai dos Sonhos —que é o Sono— apoderou-se de mim até que a deusa das trevas —a Noite— se passou.

Quantas alegrias e sofrimentos experimentei então, durante esse curto lapso de tempo, emocionando o meu espirito de jovem que vive sempre na esperança!

—Via naquelas horas o rio de esquecimento rodar vagorosamente as suas aguas em redor de um palacio de cristais lapidados, cujos raios encerravam verdadeiramente, a mais pura e encantadora emoção do bélo.

Eu, que me achava simetricamente distante desse rico palacio pelas aguas do rio que o rodeavam, avistava o rosto roseo de uma mulher, que eu julguei ser, talvez, de um anjo celestial.

Entretanto, meditando alguns momentos de socêgo, conclui que aqueia fisionomia, não era de um anjo celestial, mas sim de um anjo terrestre, porque, tendo eu acalmado o espirito e reconhecido o ambiente, observei que pizava terras firmes e que do outro lado, havia tambem terras.

Dilacerado pela vontade de chegar até ella, e vendo que não me era possivel, mais ainda aumentava o sofrer; quando de longe pela primeira vez, furtava de seus olhos luzentes, um terno olhar e os seus labios roseos, um sorriso meigo e santo.

Afinal, chegou o momento de não mais poder suster a dôr, e atirando-me ás aguas do rio, num momento de alucinação, conseqüi chegar áquela ilha, onde estava assentado o palacio, não importando molhar as vestes, nem mesmo perder a vida.

Ela, vendo-me lutar com as temerosas ondas, parecia querer socorrer-me, e o meu cerebro, sentindo essa estimulação que foi transformada em sensações psicologas pelo sistema encefalo raquiniano, parecia-me estar, de facto, sendo auxiliado por uma mulher "Quasi Dea".

Todos essas pripecias resumiam-se para mim, em verdadeiro esquecimento pelo desejo de alcançar as caricias de uma encantadora mulher; (porem isto, não tardara a realizar-se, porque, quando, mal eu acabara de vencer as alturas da ribanceira do rio, estava a minha espera uma carruagem, tendo esta trazido, tambem roupas para eu trocar.

Que sensação de verdadeiro

contentamento sentia naquelle momento em que, mesmo distante, ella já manifestava os carinhos de quem ama!

E assim com o coração cheio de prazeres, tomei a carruagem, saltando, dentro em breve, á porta do gigantesco e rico palacio, onde esperando-me, havia dois criados que me acolheram com toda amabilidade.

Depois de galgar a longa escadaria, deparei, ao caminhar alguns passos, á esquerda, com um aposento ricamente preparado, cujas artes são até imaginarias. Mal pisei na soleira da porta, fui surpreendido por um beijo doce dos labios de uma mulher sedutora e naquele momento em que, a minha testa foi ferida pelo beijo, senti também, com uma indisivel alegria, a seta do Cupido, ferir-me mais profundamente o coração.

E, quando naquellas horas de gozos deleitosos eu tentei abraçala, despertei-me dos Sonhos e reconheci que tudo se resumia em verdadeira sístezia.

*J. de Moraes*

## O filho ingrato

Numa aldeia, em uma casinha, morava uma pobre viuva, que tinha um filho, que cursava, na cidade mais próxima, uma Universidade.

Cidade era esta distante oitenta léguas da aldeia.

Era esse filho a unica luz de seus olhos e as maiores esperanças do seu coração ja tantas vezes, mutilado pelas insaciaveis vergastadas do destino.

Honrada e pródiga, trabalhava a desvelada mãe, para sustentar o filho, no decorrer dos estudos

Todos os dias pedia a Virgem Auxiliadora e ao bom Jesus, que guiassem os passos do filho, para que elle não se deixasse levar pelas illusões vans que se lhe deparassem no perliustrar dos estudos; pedia, também, ao bom Jesus que fizesse com que elle tivesse no fim das labutas universitarias, o diploma; cousa tão desejada por ella e que seria talvez, o leito amigo e doce onde pudesse repousar o coração

e o espirito, ja cansados, exhaustos de tantas fadigas e atribulações da vida.

Deus, infelizmente, não ouvira todos os seus pedidos, mas somente um; porque o filho formado não mais se regressara á casa, e sim deixa'ra se ficar na cidade, onde levava a vida, apenas procurando enriquecer se; sem ao menos siquer lembrar-se daquele ente que tantas privações houvera tido, para que elle galgasse os altos degraus da cultura cívica e intelectual; e tantas lagrimas derramava, altas horas da noite, quando o punhal invisivel da saudade lhe vinha cruciar o coração.

Passaram-se alguns anos...

Emquanto, na cidade, o filho aiegre, sorridente, mas talvez com a consciencia flagelada pelo remorso, passeava e angariava fortuna, lá, numa cabana tosca, deitado num exergo lúgubre, reduzido a maior miséria, estava o corpo exíguo da desditosa viuva tendo transparente no rosto a palidês da morte, e no coração a ádaga flamejante e impiedosa da saudade; ambas creadas pelas mãos do filho, que era a sua única felicidade, mas que, nesses momentos, se via reduzido ao mais cruel verdugo, que lhe vinha pôr termo a existencia.

De quando em quando, no meio de todas essas afflições, voltava os olhos aquella mesma imagem da virgem ante qual ella se ajoelhara para pedir a felicidade do filho; e entre lagrimas e soluços a implorava, com todas as véras do seu coração, para que perdoasse ao filho ingrato.

*J. F. Figueiredo.*

## SOCIAIS

A 11 do corrente mez transcorreu a data natalicia o nosso colega da 5 serie Joaquim Agostinho Curvo.

A 12 do mesmo mes festejou a passagem do seu natalicio o nosso distinto colega José Rogaciano de Lima Bastos.

A 13 do corrente o nosso colega Helio Guimarães de Matos, um dos que mais contribue para a manutenção do nosso jornal.

A 17 o nosso distinto ex-colega Pedro V. de Figueiredo

Festejará a 20 do corrente mês a passagem do seu natalicio o nosso colega da 2ª serie Adildo Tocantins.

DR. FENELON MULLER

A 19 do corrente mes transcorrerá a passagem do seu natalicio o nosso ilustre conterraneo Dr. Fenelon Muller, digno Inspetor Federal do ensino junto ao Liceu Cuiabano.

A todos, os nossos sinceros parabens.

## Humorismo alheio

Numa praia, um rapaz oferece para acompanhar uma linda banhista:

— Não pode ser, diz a mãe dela

V. Excia. não confia em mim?

— Como não.

— E não confia em sua filha?

— Também confio nela, porém, o que não tenho confiança é nos dois juntos.

Num grupo onde se discutiam feitos de coragem, diz um: — Eu já estive frente a frente com 3 bravissimos leões e nem siquer tremi.

— Aonde isso?

— No Jardim Zoologico.

Entre amigas:

— Porque não aceitas o Carlos para esposo?

— Já está muito velho.

— Velho! Olha que não tem mais que 50 anos.

— Pois bem, mais prefiro dois de 25.

Ordens rigorosas

— A professora — Dizem lá, meninas, qual devoces quer ir para o ceu?

Todos levantaram a mão ao ar, escepto o Carlito.

— A professora — O' Carlito! Tú não queres ir para o ceu?

O Carlito — A minha mãe disse-me que fosse direito para casa, assim que saísse da escola.